

# Apresentação de ‘Obedience’, de Ernest Sosa

— Nota introdutória —

João Carlos Salles  
UFBA/CNPq

Em 1964, o jovem Ernest Sosa, então com 24 anos, conclui a tese *Directives: A logico-philosophical inquiry*, elaborada sob a supervisão de Nicholas Rescher, na University of Pittsburgh. Além certamente de atrair a atenção para esse jovem professor,<sup>1</sup> a tese teve continuidade por alguns anos em uma pesquisa sobre inferências práticas, tendo gerado um conjunto de artigos, dos quais podemos destacar “The Logic of Imperatives” (*Theoria* 32, 1966: 224-35), “On Practical Inference and the Logic of Imperatives” (*Theoria* 32, 1966: 211-223), “Imperatives and Referential Opacity” (*Analysis* 27, 1966: 49-52) e “The Semantics of Imperatives” (*American Philosophical Quarterly* 4, 1967: 57-64).<sup>2</sup>

Nicholas Rescher, que sugerira o tema da tese, desenvolvia então pesquisa correlata sobre a “logic of commands”. Como de costume em Rescher, tal pesquisa logo gerou um livro, integrando o incrível conjunto de mais de uma centena em sua obra.<sup>3</sup> No caso do trabalho de Sosa,

---

1 Sosa logo passa a trabalhar na Brown University, onde atuará, primeiro, com uma bolsa de pós-doutorado, de 1964 a 1966, e em seguida como *Assistant Professor*, de 1967 a 1974, e como *Professor*, de 1974 a 2007. Desde 2008, é professor na Rutgers University, onde já atuava, de 1998 a 2007, como “*distinguished visiting professor*”.

2 Inserem-se nesse campo correlato de interesses e no momento inicial de sua vida acadêmica: “Actions and their Results”, *Logique et Analyse*, Nouvelle Serie, 8 Annee, 1965, pp. 111-125; “On the Logic of Intrinsically Better” (com R.M. Chisholm), *American Philosophical Quarterly* 3, 1966: 244-50; “Intrinsic Preferability and the Problem of Supererogation” (com R.M. Chisholm), *Synthese* 16, 1966: 321-331; “Hypothetical Reasoning”, *The Journal of Philosophy*, Vol. 64, No. 10 (May 25, 1967), pp. 293-305.

3 RESCHER, Nicholas, *The logic of commands*, London, Routledge, 1966. Por um lapso, Rescher deixou de

porém, apesar de quase todo seu conteúdo ter encontrado a forma de artigos (listados acima e disponíveis na rede), a tese não foi ela mesma publicada e é hoje de difícil acesso. Além disso, uma sua parte, deveras sagaz e original, continua praticamente inédita ou é desconhecida da comunidade filosófica: o texto da análise da noção de 'obediência'. Não há pista sequer de seu tema específico ou de sua estrutura em qualquer dos artigos então publicados, sendo ela, todavia, bem menos datada que as demais e, logo, menos dependente do estado da arte, como o leitor irá constatar.

A análise de Sosa sobre a noção de 'obediência' tem plena condição de participar do debate filosófico de qualquer época e de estimulá-lo com boas pistas e bons argumentos. Afinal, o texto é relativamente autônomo até em relação à lógica das "*directives*" (comandos, imperativos, ordens, resoluções etc.), estando vinculado a uma tradição de análise filosófica que Sosa rememora (Strawson, Anscombe, Dummett, Geach), criando-lhe contexto adequado para uma leitura independente. Outras razões, para além dessa sua autonomia, justificam a publicação em separado deste texto de Ernest Sosa, mais de cinquenta anos após sua redação.

Primeiro, é clara a importância de uma análise semântica da noção de obediência, tendo em conta o próprio projeto da tese de contribuir para a elaboração de uma lógica das "*directives*" — noção utilizada por Sosa, englobando com ela 'imperatives' e 'resolutives', ou seja, os 'imperativos' correntes e as 'resoluções', que expressariam intenção. A análise explora a analogia com a noção de verdade, assim estando a noção de obediência para uma lógica dos comandos, como o estaria a noção de verdade para a lógica proposicional.

Não se afirma, contudo, sem problemas essa analogia, pois teríamos, por um lado, a "óbvia" validade de estruturas como

---

incluir os dados da tese na bibliografia então relativamente restrita sobre a lógica de comandos, mas afirma claramente no "Prefácio": "Exchanges of ideas with Ernest Sosa, now of Brown University, who wrote a doctoral dissertation on the logic of commands under my direction, contributed helpfully at many points" (p. xi-xii), e mesmo se serviu de um exemplo de Sosa em seu trabalho (p. 15). Como o comenta Sosa acerca dos interesses compartilhados com Rescher: "My work in connection with this project led to a couple of journal articles while his, characteristically, led to a book. Our discussions certainly helped me, and while they may also have had some small influence on him, in the end our views were quite distinct" (SOSA, Ernest (Ed.), *The philosophy of Nicholas Rescher*, Dordrecht, Reidel, 1979).

Apanhe os livros e as canetas.

---

Logo: Apanhe os livros.

Ou como

Se os preços caem amanhã, dobre nosso estoque.

Os preços vão cair amanhã.

---

Logo: Dobre nosso estoque.

E, não obstante, por outro lado, está longe de ser trivial aplicar a própria noção de ‘validade’ a tais arranjos argumentativos, (1) se compreendemos por tal noção a inconsistência entre a falsidade de uma asserção e a verdade das asserções das quais derivaria, mas também (2) se temos em conta que os comandos não são asserções e, por isso, a bem dizer, não seriam verdadeiros ou falsos.

O centro do texto é a procura de uma análise satisfatória da noção de ‘obediência’, no que guarda analogia com o texto “The analysis of ‘knowledge that P’”, publicado nesse mesmo ano de 1964 e desenvolvido com independência da tese.<sup>4</sup> Salta também aos olhos a relação que ambos os textos de Sosa mantêm com o recém-publicado texto de Edmund Gettier.<sup>5</sup> A referência é explícita no texto de análise do conhecimento, que se apresenta como uma resposta ao desafio proposto por Gettier. Por sua feita, mesmo sem estar mencionado o texto de Gettier na tese, sua presença não deixa de ser clara e forte. Sabe a Gettier o contraexemplo utilizado por Sosa para mostrar a insuficiência da sua segunda proposta de análise de ‘obediência’, a saber, uma situação ficcional, narrada com requintes os mais gettierescos, na qual temos uma ordem cumprida por mero acaso.<sup>6</sup> Por isso mesmo, apesar de cumprido o conteúdo do comando nessa ficção, não

---

4 SOSA, Ernest, “The Analysis of ‘Knowledge That P’”, *Analysis* 25: 1964, p. 1-8. Por sinal, versão mais extensa que a recolhida em SOSA, E., *Knowledge in Perspective*, Cambridge, Cambridge University Press, 1991, p. 15-18.

5 GETTIER, Edmund L., “Is Justified True Belief Knowledge?”, in *Analysis*, Vol. 23, No. 6 (Jun., 1963), p. 121-123.

6 “Consider a fictional situation. The officer in charge of a training session addresses a student by the

diríamos que a ordem fora *obedecida*; não diríamos satisfeito o conceito de 'obediência', assim como não consideramos conhecimento a eventual crença verdadeira e justificada de quem porventura apenas acerte com a verdade, sem ter percorrido um autêntico caminho em direção a ela.

E todo esse processo de análise é realizado mediante uma excitante e exemplar narrativa do trabalho filosófico como um percurso orientado por razões (e não por causas), em meio a um labirinto cujos caminhos se bifurcam ou se fecham, sendo vencidos os obstáculos por novas análises. Vemos caminhos serem bloqueados ou liberados por exemplos e contraexemplos, que favorecem novas e finas distinções conceituais, de modo que, para usar uma imagem de Sosa, das cinzas de uma proposta de análise (oito ao todo) nasce outra análise, que deve resistir ao menos até a próxima rejeição. Deixamos ao leitor a tarefa e o prazer de perfazer essa jornada intelectual, por meio da qual, em uma reconstrução lógica do conceito de 'obediência', Sosa procura levantar as condições individualmente necessárias e conjuntamente suficientes para uma ordem ser obedecida, à semelhança do levantamento das condições a serem satisfeitas para dizermos de um sujeito que, ao fim e ao cabo, ele conheça *p*. Passará assim o leitor por estações intermediárias em que se formulariam condições gerais para o sucesso (a felicidade) de imperativos, como esta, por exemplo:

Y obedece a ordem de X ao fazer A [o conteúdo do comando] em j [uma dada conjunção espaço-temporal], se e somente se:

- (1) Y está ciente dessa ordem;
- (2) Y a compreende;
- (3) Y faz A em j;
- (4) Y faz A pela razão exclusiva de ter recebido a ordem.

---

back door with the order: "Mr. So-and-so, will you close the door, please?" Mr. So-and-so, who has already felt the chill coming through the open door, was preparing himself to close it anyway; furthermore, because of an ear infection he was temporarily deaf and thus unable to hear the officer. (Afraid that his proneness to such infections would disqualify him from pilot training, he had kept his illness to himself and continued to attend classes as normally; he had trained himself to read lips and was proficient at it, but his head was turned when the instructor gave the order, and so forth.) Here Mr. So-and-so closes the door at j but he does not obey the order that he close the door at j." (SOSA, Ernest, *Directives*, p. 45.)

Cabendo ainda pressupor, no sentido da felicidade do ato, que (i) um comando é dado por X a Y, (ii) X deve ter autoridade para dar o comando e (iii) Y deve ter capacidade de o executar.<sup>7</sup>

Pensará o leitor, muita vez, ter chegado a um porto seguro. Entretanto, análises que parecem a princípio satisfatórias são logo desmontadas por contraexemplos, reais ou ficcionais, urdidos para revelar implicações conceituais, não sendo uma soma amorfa e ilimitada de descrições possíveis. A corrida, porém, não para na estação mais próxima, que logo se mostra insuficiente, sendo rejeitada a nova estação por mais contraexemplos, como o de um oficial que grita e apenas por coincidência parece ter sido obedecido (satisfeitas embora as cláusulas da definição), ou o de uma ordem agendada e cumprida tempos depois, sem a lembrança sequer do momento que fora proferida. De todo modo, o resultado final da análise neste texto, a ensejar talvez novos passos, formula-se assim:

Y obedece a ordem de X para fazer A em j, se e somente se

- (1) Y esteve ciente em algum momento da ordem e a compreendeu;
- (2) Y faz A em j; e
- (3) o fato de X ter dado a ordem é ele próprio uma razão para Y fazer A em j.

Ou ainda:

- (1) Y obedece a ordem de X para fazer A em j, se e somente se
- (2) Y faz A em j, e
- (3) o fato de X tê-lo comandado é ele próprio uma razão para Y fazer A em j.

Concluída ou não a tarefa de definir 'obediência', o texto narra uma emocionante corrida analítica de obstáculos, impulsionada pela invenção de exemplos e contraexemplos, com a meta bem determinada de uma análise exaustiva das condições suficientes e necessárias para um conceito e a orientação dupla tanto de nunca exagerar com as analogias a ponto de afastar-se

---

7 Uma formulação que parece óbvia pode desabar com bons contraexemplos. Estar ciente ou consciente não parece sempre necessário, ou melhor, os exemplos mostram que precisaria estar ciente e consciente apenas em algum momento, embora não no momento mesmo da execução, como no caso da encomenda anotada e no exemplo do despertador.

da linguagem ordinária, quanto também de sempre horrorizar-se com as ambiguidades, essas apenas imperdoáveis da perspectiva de uma investigação lógico-filosófica — o que pode exigir e mesmo solicitar, para além de uma descrição do uso geral dos conceitos, uma ampla reconstrução racional, uma que, e.g., pode estabelecer uma lógica de *directives*.

A investigação tem natureza lógico-filosófica; comporta um aspecto normativo, que, de resto, acompanha toda reflexão de Sosa, nesse momento e em passos futuros. Como exercício metodológico, desvela pressuposições conceituais e estabelece o campo de legitimidade do uso de uma expressão. Com isso, limites do uso dos conceitos se desenham, traçando margens que bem chamaríamos, em sentido wittgensteiniano, de gramaticais. São exemplos de proposições dessa ordem, levantadas em *Directives*: “Ninguém pode dirigir um imperativo a si mesmo”; “Uma expressão de intenção precisa estar na primeira pessoa”; “Alguém só pode ter intenções em relação a ações futuras”. Nesse ambiente teórica, a ‘obediência’ explícita várias ordens de laços internos, que passam pelo reconhecimento do núcleo proposicional a ser realizado e vão até os laços lógicos entre vontade, autoridade, obediência. Como ‘conhecimento’, ‘obediência’ é sobretudo da ordem das razões, e não de relações externas, como as da causalidade. Não por acaso, como vimos, a análise faz remontar a laços internos entre o comando e sua satisfação.

Há limites gramaticais, portanto, para considerarmos satisfeita/obedecida uma ordem. Dada uma ordem, ela não será satisfeita por uma ação que lhe seja anterior, para mencionar uma importante obviedade; tampouco por algo realizado muito depois da ordem enunciada; nem mesmo, acrescentaríamos, por algo realizado com uma demora, digamos, de pirraça, quando alguém, simulando obedecer, o faz contudo com lentidão tamanha que, na verdade, desafia a autoridade de quem ordena;<sup>8</sup> nem enfim haverá obediência se a satisfação for não-voluntária, como no caso de uma criança forçada a engolir um remédio. Essas são observações internas ao comando, que, por assim dizer, espelha a satisfação que antecipa. Por outro lado, como no mencionado exemplo gettieresco e em tantos outros, mesmo estando estabelecida a devida junção espaço-temporal e a realização do conteúdo do comando, a satisfação pode se dar por acaso, não se dando autêntica obediência. Dessa forma, não haverá obediência, assim

---

<sup>8</sup> Cuidados assim (digamos, vagos e gramaticais) fazem Sosa, como vimos acima, mencionar em sua análise a “*junction*” espaço-temporal, ‘j’, significando com ela o lugar e o tempo razoáveis para o cumprimento de uma ação, A, relativa a um comando.

como não há conhecimento, caso se deem por acaso o cumprimento do ordenado ou a coincidência com o afigurado. A satisfação por si, como mero fato, descuida de relações conceituais. E, tomada como critério, seria o equivalente a julgar satisfeito o desejo de comer uma maçã pelo soco que nos fizesse cessar a fome, ou a julgar cumprida uma ordem por alguém ter feito simplesmente algo distinto do que fora ordenado, mas de nosso agrado.<sup>9</sup>

Concluindo esta nota introdutória ao texto “Obedience”, adicionamos uma justificativa para sua publicação. Não fosse a dimensão do trabalho de Ernest Sosa, *Directrizes* seria uma excelente tese, um resultado deveras diferenciado, valendo por si e justificando a cidadania plena do pesquisador como profissional destacado na comunidade filosófica. Dada a obra futura, a condição mesma de também constituir-se como uma obra, torna-se mais que excelente, pois passa retrospectivamente a iluminar recursos teóricos já presentes ao início de sua trajetória. Com isso, “Obedience” talvez ajude a destacar traços do próprio estilo de Sosa, de seu modo singular de absorver fatos e produzir exemplos e argumentos, de dialogar com a história da filosofia e de servir-se de sofisticado instrumental lógico-filosófico, em um labor constante e refinado de mais de cinco décadas. Publicar um texto quase esquecido e que não participa agora do debate, é compreender os laços internos de uma estrutura que se mede pelos padrões próprios dos clássicos. Afinal, a obra de Sosa não importa apenas por sua múltipla e rica contribuição ao atualíssimo debate filosófico. Como um clássico contemporâneo, valem não só seus argumentos mais recentes, mas também a história de sua argumentação e a economia interna a seu modo de argumentar.

Recebido em abril de 2017  
Aprovado em maio de 2017

---

9 Cf. a célebre crítica de Wittgenstein a Russell: “Wenn ich jemandem einen Befehl gebe und was er darauf tut mir Freude macht so hat er den Befehl ausgeführt. (Wenn ich eine Apfel essen wollte und mir einen Schlag auf den Magen versetzt so daß mir die Lust zu essen vergeht dann war es dieser Schlag den ich ursprünglich wünschte.)” WITTGENSTEIN, L., *Wiener Ausgabe*, 2, Viena, 1994, p. 197, MS 108, p. 290.